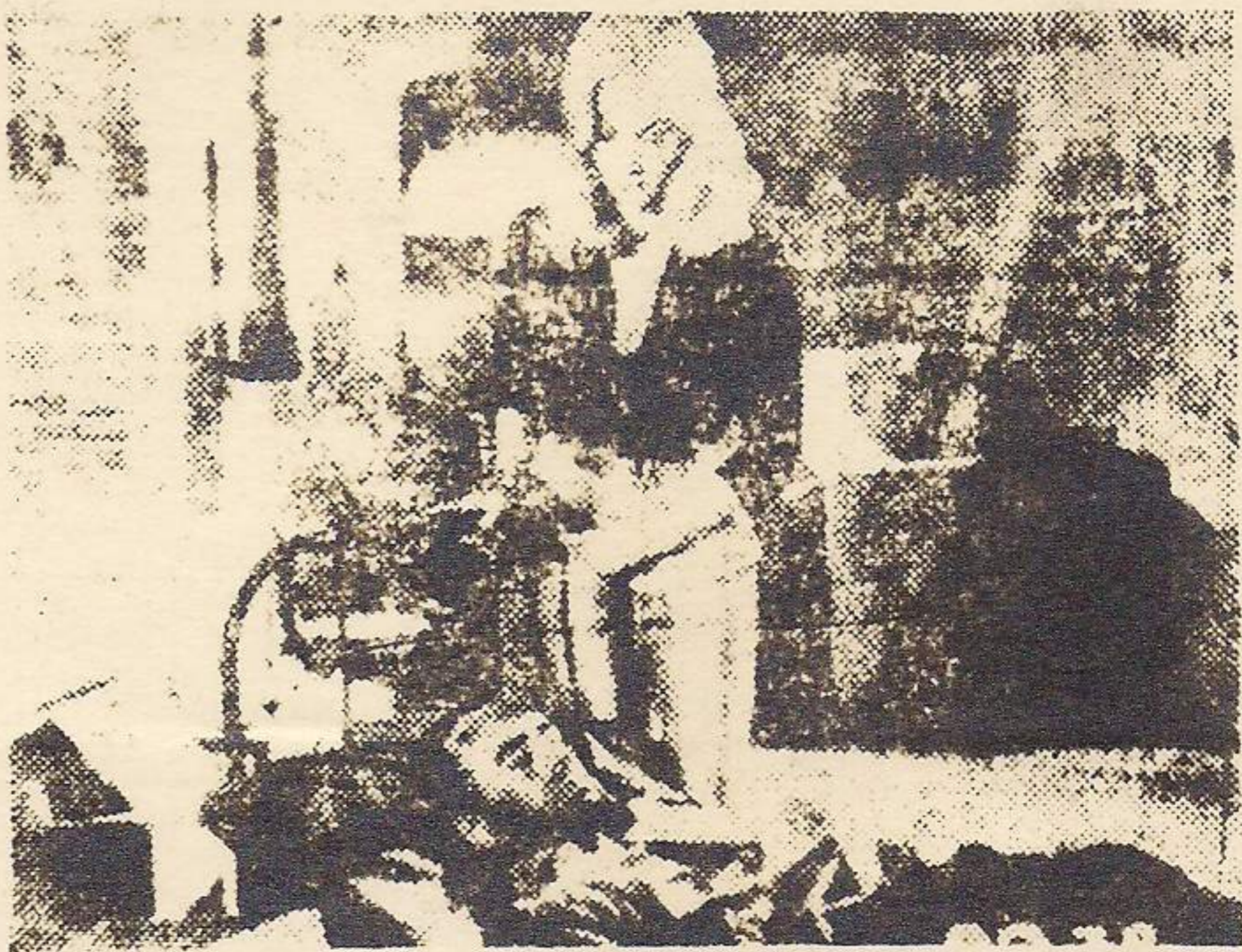


## Cinema

Jerônimo ALMEIDA

# Viramundo e Memória do Cangaço



**DORME, MENINO GRANDE**

*Mira Raymond e William Franklin numa cena de "A Trama Maldita", filme policial inglês, de violência e "suspense"*

Semana passada, assistimos, em sessão especial no auditório da Associação Cultural Brasil-Alemanha, os documentários de Thomas Farkas, inclusive os dois mais famosos, realizados por baianos — VIRAMUNDO, de Geraldo Sarno e MEMÓRIA DO CANGAÇO, de Paulo Gil Soares. Ambos se enquadram na escola do "cinema verdade" de Jean Rouch. Ambos buscam, através do filme documentário, das filmagens ao vivo, da tomada de depoimentos e do confronto dinâmico de opiniões e posições, definir e esclarecer problemas de nossa realidade: o nordestino em S. Paulo, no filme de Geraldo Sarno, Lampião e o Cangaço, para Paulo Gil Soares. E ambos, igualmente, revelam-se cineastas de talento e inventiva, capazes de dar uma contribuição das mais sérias à renovação do cinema brasileiro.

Laureado com a Gaivota de Ouro no Festival de Cinema do Rio, vencedor de mais 2 prêmios em festivais internacionais na Europa, MEMÓRIA DO CANGAÇO é filme conhecido, pelo menos, quanto a nosso público, através das notícias e comentários. Por isso, preferimos focalizar VIRAMUNDO, exemplo plenamente válido de cinema sociológico.

Anualmente, são dezenas de milhares de nordestinos que, tangidos pela seca, o latifúndio, a fome, chegam a São Paulo. Que acontece com eles? O realizador não dá explicações. O locutor fala o mínimo possível.

Predomina a música de fundo, a composição de Caetano Veloso, interpretada por Gilberto Gil (novamente baianos). A realidade da massa nordestina em São Paulo surge através da própria imagem, sempre em movimento, e dos depoimentos postos em contraste: o nordestino aclimatado, que virou chefe, se orgulha de "ser paulista" e despreza suas origens; o nordestino que, representando a maioria, pelas próprias características econômicas da vida que leva, permanece como tal; o empresário, que discorre sobre os problemas da mão de obra e a dificuldade de adaptação do nordestino, por sua limitada qualificação; e, finalmente, o nordestino que retorna, desfeita as ilusões, para o trabalho na terra. As sequências sobre as crenças místicas que envolvem os nordestinos dão uma nota particular, de movimentação plástica e interesse psicológico-social, ao filme de Geraldo Sarno.

VIRAMUNDO E MEMÓRIA DO CANGAÇO são filmes de gabarito internacional, mesmo. Infelizmente, as cópias que vieram, em 16 milímetros, impossibilitaram sua exibição para um público maior. Mas daqui fazemos uma sugestão, ao Cinema de Arte, para que consiga os filmes de Thomas Farkas em cópias de 35 mm, para apresentá-los num dos cinemas do centro, a fim de que o grande público possa assisti-los.